

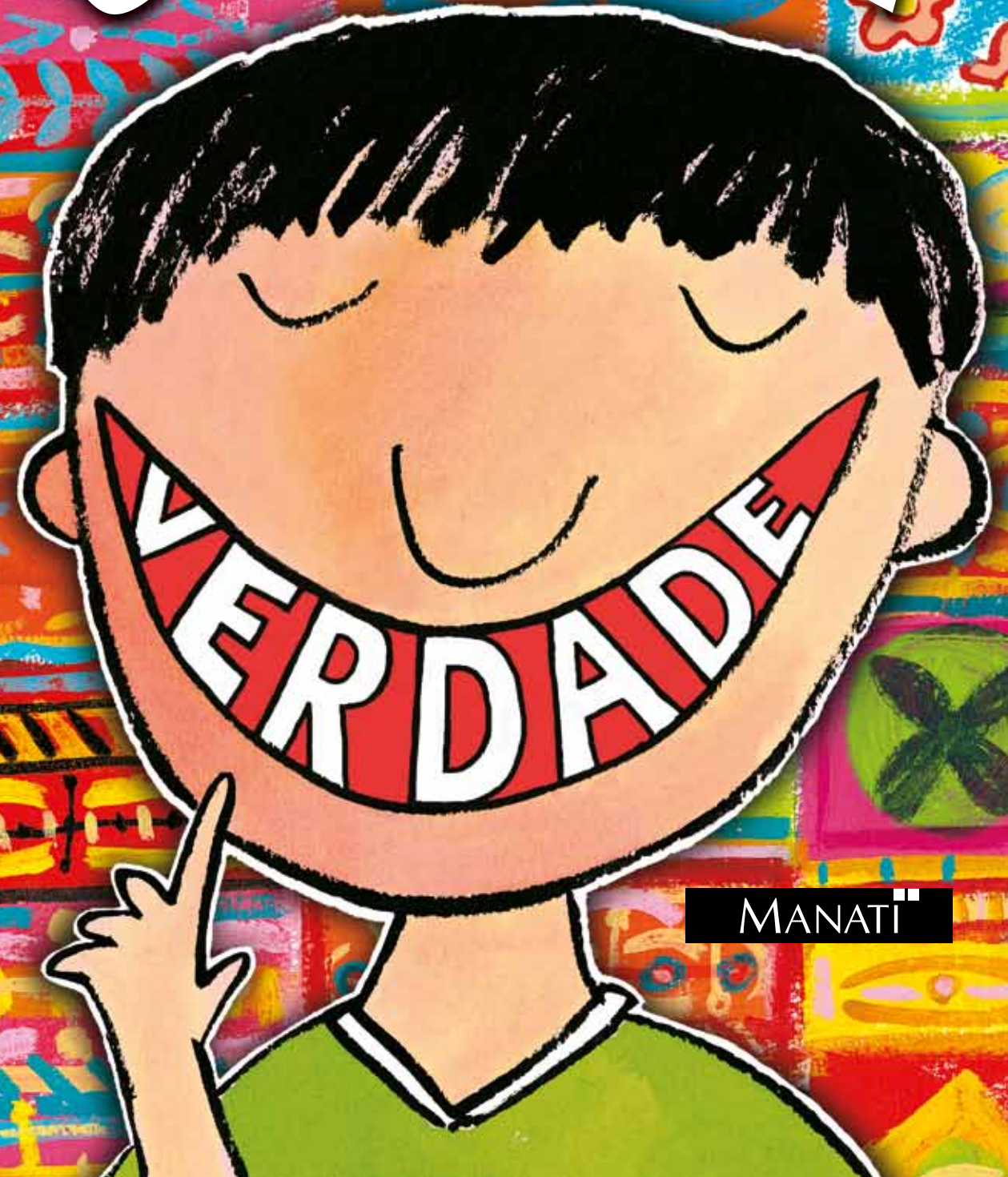
BIA HETZEL nasceu no Rio de Janeiro, em 1968. É escritora, editora e fotógrafa, tem vários livros publicados e uma premiada produção voltada para crianças e jovens. Recebeu o Prêmio Jabuti de Autor Revelação, em 1995, com o livro *Rosalina, a pesquisadora de homens*, e vários de seus livros receberam o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Recebeu também a menção White Ravens da Biblioteca Internacional de Munique com o livro *O porco*, além do prêmio O Melhor para a Criança da FNLIJ com o livro *O dono da verdade*.

MARIANA MASSARANI nasceu no Rio de Janeiro, em 1963. É uma das ilustradoras mais premiadas do Brasil. Costuma ter seu trabalho exposto em importantes catálogos, mostras nacionais e internacionais. É autora do livro de imagens *Victor e o jacaré* e estreou como escritora pela editora Manati com os livros *Leo: o todo-poderoso capitão astronauta de Leox, a cidade espacial* e *Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa*, com o qual recebeu a menção Altamente Recomendável da FNLIJ.

























PRÊMIO OFÉLIA FONTES | FNLIJ
O Melhor para a Criança




























O DONO DA



MANATI

A água dá, a água leva.  A aranha vive do que tece.  A árvore se conhece pelos frutos.  A galinha do vizinho é sempre mais gorda.  A gato pintado não se confia a guarda do assado.  A melhor espiga é sempre para o pior porco.  À noite, todos os gatos são pardos.  Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.  Águas passadas não movem moinho.  Anzol sem isca, peixe não belisca.  Antes um pássaro na mão do que dois voando.  Baleias no canal, terás temporal.  Cachorro picado de cobra tem medo de linguça. Cachorro que ladra não morde.  Cada louco com a sua mania.  Cada macaco no seu galho.  Cada porco em seu chiqueiro, cada pinto em seu poleiro.  Coitado é filho de rato, que nasce pelado no meio do mato.  Cada um puxa a brasa pra sua sardinha.  Cobra que não anda não engole sapo.  Caranguejo nunca anda em linha reta.  Pimenta nos olhos dos outros é refresco.  De grão em grão a galinha enche o papo.  Deus não deu asas à cobra.  Macaco não enxerga o seu rabo mas enxerga o da cutia.  Não se dá nó em pingo d'água.

 Raposa de luvas não chega às uvas.  Palavra é como abelha, tem mel e ferrão.  O feitiço sempre vira contra o feiticeiro.  Em casa de marimbondo, não se mexe com vara curta.  O peixe morre pela boca.  Gaivotas em terra, tempestade no mar.  Quando o gato dorme, os ratos fazem a festa.  A coruja acha os seus filhos lindos.  Periquito come milho, papagaio leva a fama.  Filho de peixe peixinho é.  G a t o escaldado tem medo de água fria.  Em cavalo dado, não se olham os dentes.  Não se cutuca onça com vara curta.  Laranja em beira de estrada ou é podre ou está bichada.  Quando um burro fala, o outro abaixa a orelha.  Cachorro de muito dono morre de fome.  Banana madura não fica no cacho.  Em rio de piranha, jacaré bebe água de canudinho.  Briga a onda com o rochedo e o sururu vai no meio.  Para morrer, basta estar vivo.  Conselho de raposa, morte de galinha.  Quando o mar briga com a praia, quem apanha é o caranguejo.  Em boca fechada não entra mosca.  Um dia é da caça, o outro do caçador. 





O DONO DA



MANATI
PRODUÇÕES EDITORIAIS

© do texto, 2002 by Bia Hetzel
© das ilustrações, 2002 by Mariana Massarani
© do projeto gráfico, 2002 by Silvia Negreiros

Direitos de edição adquiridos por
Manati Produções Editoriais Ltda.
Rua da Quitanda, 30, sala 711, Centro
CEP 20011-030, Rio de Janeiro, RJ
Telefax: (21) 2512-4810, 2274-2942
manati.editora@gmail.com / www.manati.com.br

É terminantemente proibida a reprodução do
texto e/ou das ilustrações desta obra, em parte ou
no todo, para qualquer fim, sem autorização expressa
e por escrito da editora.

Tratamento de imagens: *Andréia Resende*
Revisão de originais: *Luzia Ferreira de Souza* e *Malu Resende*
Revisão tipográfica: *Tereza da Rocha* e *Sheila Til*

Obra editada conforme o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
H519d
2.ed.

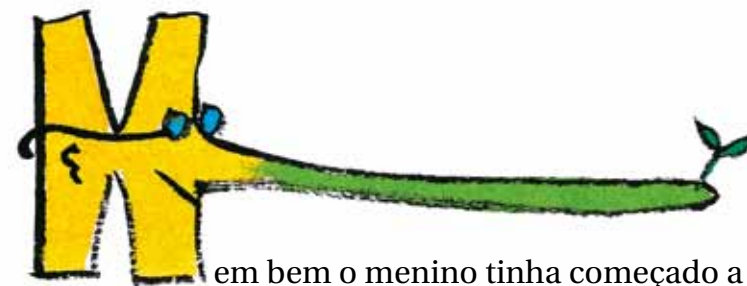
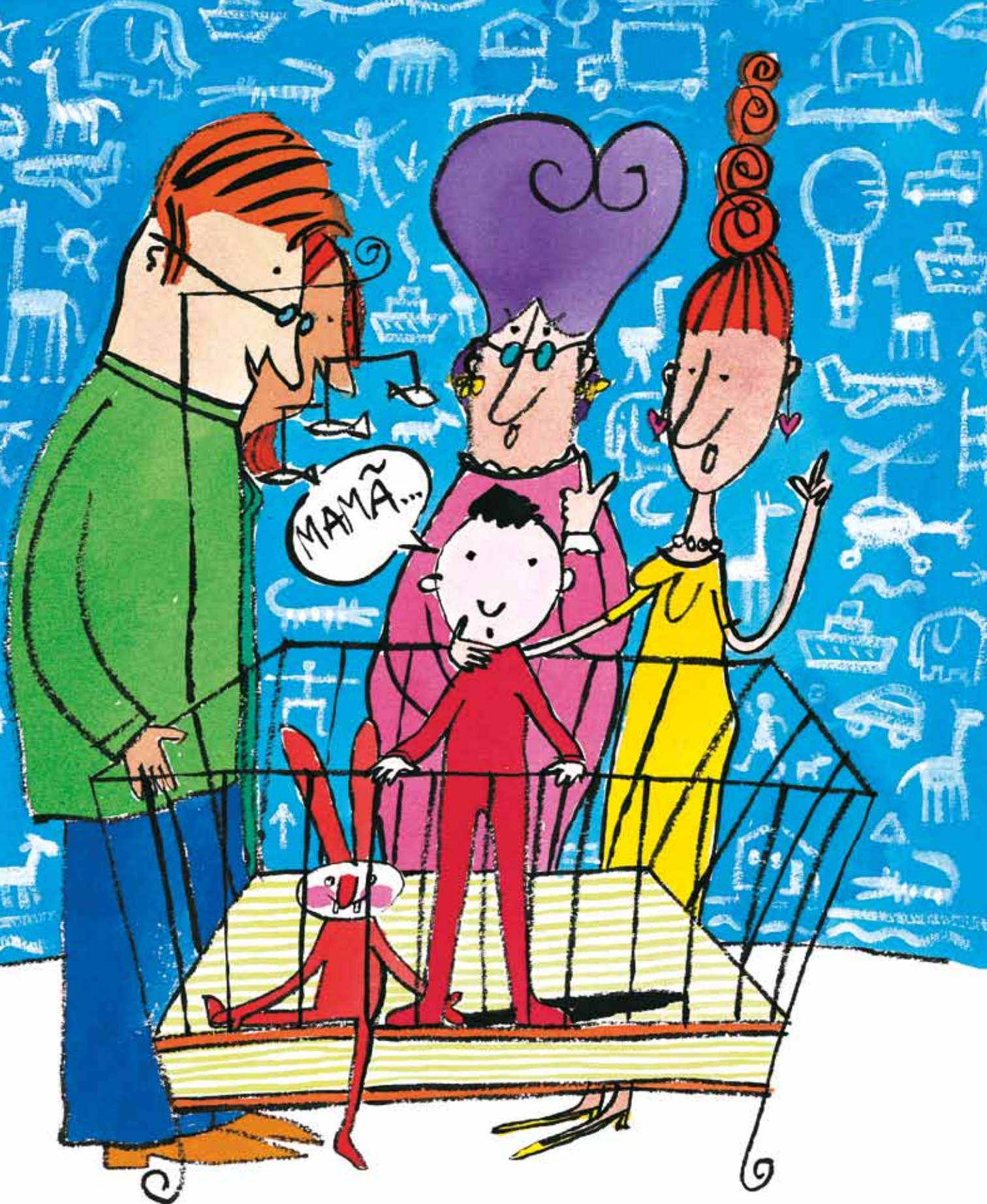
Hetzel, Bia, 1968-
O dono da verdade / Bia Hetzel ; desenhos de Mariana
Massarani. – [2.ed.] – Rio de Janeiro : Manati, 2008.
48p. ; il. color.

ISBN 978-85-86218-54-5

1. Literatura infantil. I. Massarani, Mariana, 1963-. II. Título.
08-3862. CDD 028.5
CDU 087.5

FSC





em bem o menino tinha começado a falar,
foram logo avisando:

– **A Verdade é a coisa mais importante do mundo!**

E uma tia enxerida ainda completou:

– **Mentir é muito feio!**

Aviso demais assusta. E essa história da Verdade
e da Mentira parecia séria pra chuchu.

Claro que o menino acreditou no que ouviu,
porque:

1. Tudo que lhe diziam era para o bem dele;
2. Criança deve ouvir os mais velhos; e
3. Ele queria fazer o certo para que os outros
gostassem dele e o achassem bacana (motivo
principal).

O problema é que ele não entendia direito o que era
a Mentira. E entendia menos ainda o que era a Verdade...

Então, os mais velhos explicaram:

— Se acontece uma coisa e você conta direitinho como foi, é Verdade. Mas se você resolve contar uma história diferente do que aconteceu, aí é Mentira.

Ah, é? Já que falar Mentira era inventar histórias, o menino resolveu nunca mais inventar histórias na vida!

...

Só que, por azar, de vez em quando ele sentia uma vontade danada de inventar histórias.

E, triste coincidência, uma das coisas que ele mais adorava era ouvir uma boa história inventada.

Ai, que tormento! Será que não tinha outra explicação?

— **Tudo que não é Verdade é Mentira**

— disse a avó.

— **Verdade só existe uma, o resto é Mentira** — completou o pai.

— É, mas a Verdade pode virar Mentira e a Mentira também pode virar Verdade.

Aquela tia sempre complicava tudo!

— Não se preocupe, querido, a Verdade mora no fundo do seu coração.

Mãe fala doce, mas de um jeito que a gente só entende tempos depois. E ele estava com pressa de encontrar a Verdade...

— A Verdade está por aí. Você vai esbarrar com ela quando menos esperar. Esqueça a Verdade e se preocupe com as Mentiras. Elas, sim, são perigosas.

Quem disse isso foi a professora. E professora sabe tudo. Então, o menino saiu por aí procurando sem pressa pela Verdade, enquanto aprendia a reconhecer as Mentiras...





Rapidinho, ele percebeu que as Mentiras têm muitas caras e muitos nomes:

Lorota, Potoca, Lampana, Patranha, Peta
e, ainda, **Mariquinha.**

Esta última era tão melindrosa que o menino se encantou e começou a namorar com ela.

O namoro do menino com a Mariquinha foi assim:

Um dia, ele inventava uma história aqui.

No dia seguinte, uma outrazinha ali.

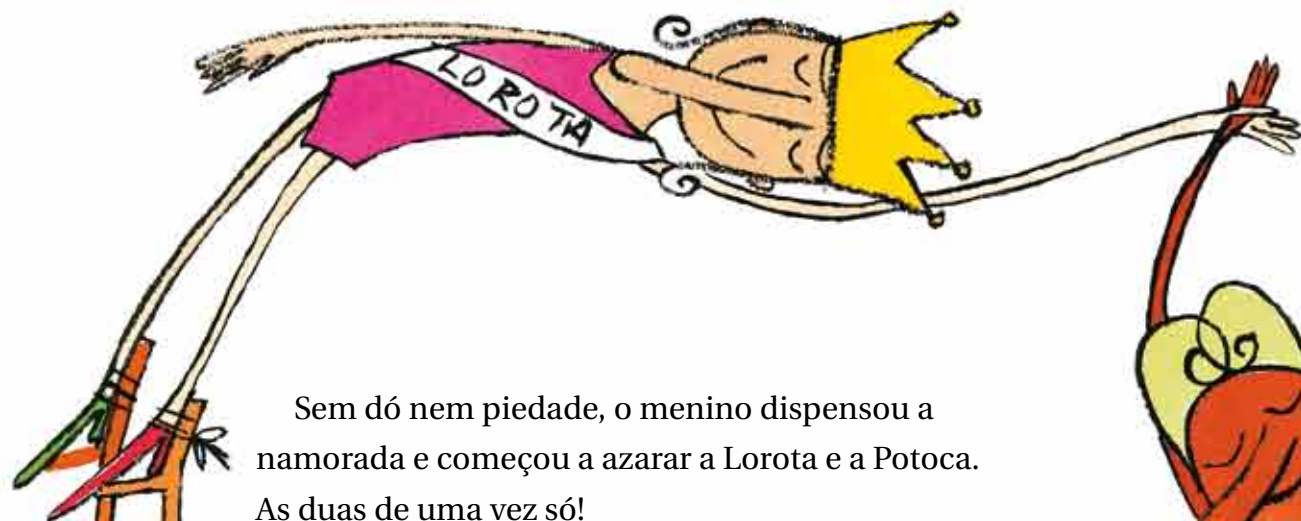
Que sucesso!

Todo mundo se divertia com as histórias da Mariquinha.

E o menino se esbaldava!

Até que, indo nesse vai da valsa, certo dia o menino desconfiou que os outros estavam achando mais graça na Mariquinha do que nele...





Sem dó nem piedade, o menino dispensou a namorada e começou a azarar a Lorota e a Potoca. As duas de uma vez só!

Aí as coisas se complicaram, porque ele saiu inventando e contando ao mesmo tempo histórias diferentes para várias pessoas.

Foi um furdunço!

Não que Lorota e Potoca fossem ciumentas. Ao contrário. Elas eram até muito dadas. Só queriam saber de galhofas. E que trabalho deram ao menino! Aquelas duas eram impossíveis de controlar.

Foi com a Lorota e a Potoca que ele descobriu que existem as Mentiras que colam e aquelas que não colam de jeito nenhum.

— Pega na Mentira!

— Que Mentira, que Lorota boa!

— Ai, que Mentira Cabeluda!

— Oxe, Mentira Deslavada!

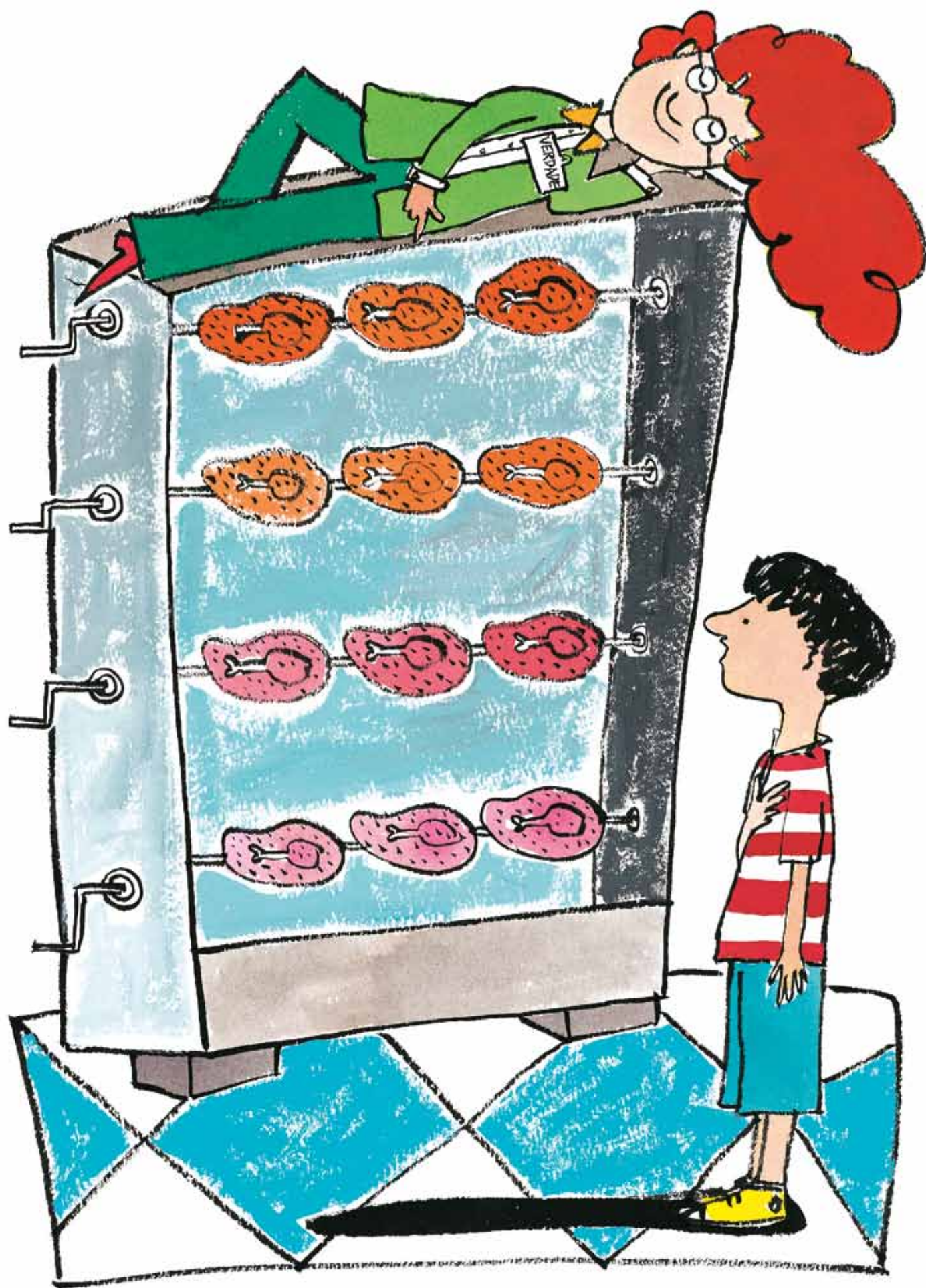
— Arre, Mentira Esfarrapada!

Tragédia: a azaração com as Mentiras deixou o menino com fama de mentiroso.

Lorota, Potoca, Mariquinha e suas primas Patranha, Peta e Lampana pareciam Mentirinhas à toa, daquelas que não fazem mal a ninguém mas, como todas as Mentiras, tinham perna curta e não iam longe.

Justo quando o menino pensava que tinha conseguido enganar todo mundo e que as Mentiras já eram páginas viradas, um mané qualquer resolvia voltar atrás na história (quase sempre por causa de uma bobagem) e acabava pegando as Mentiras ainda de calças na mão. Que mico!

Foi tanto vexame na vida do menino que ele pegou implicância das Mentiras e tomou vacina contra elas.



Maior e vacinado, uma bela manhã o menino foi à padaria comprar brioche e, assim por acaso, acabou se encontrando com Ela...

Ela mesma, em carne e osso!

Elazinha da Silva!

A magnífica, a importantíssima, a digníssima: a Verdade.

É, porque:

A Verdade sempre aparece.

O diabo é que pode passar tempos sumida.

Ou aparecer só para uma visitinha rápida.

Ou aparecer fantasiada de Mentira...

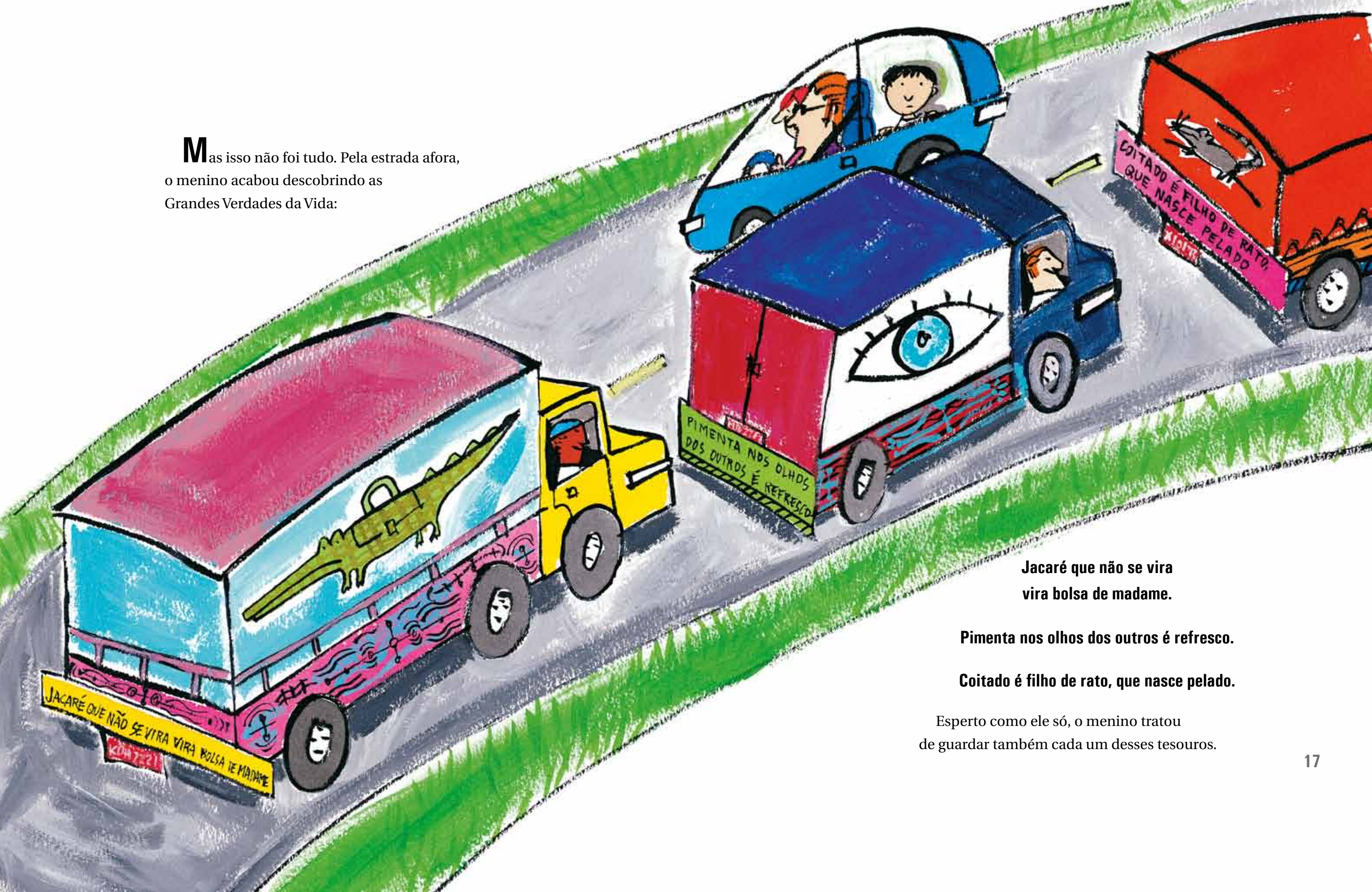
Por sorte, a Verdade que o menino encontrou era uma Verdade Pura e Simples, uma Verdade Nua e Crua:

Para morrer, basta estar vivo.

Que coisa simples e importante! O menino guardou aquela preciosidade. E assim ele foi vivendo, com uma Verdade Pura e Simples guardadinha no bolso.



Mas isso não foi tudo. Pela estrada afora,
o menino acabou descobrindo as
Grandes Verdades da Vida:

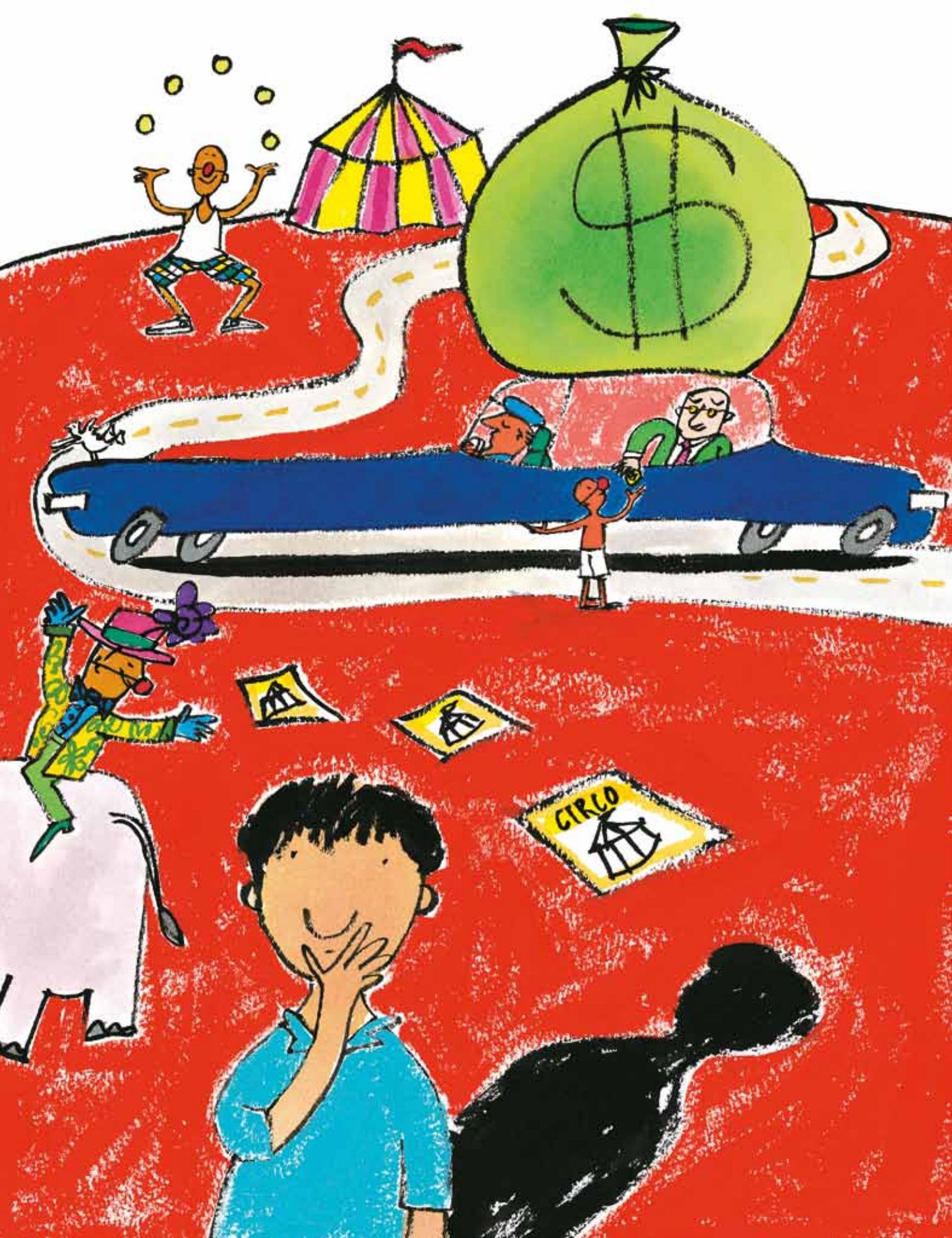


**Jacaré que não se vira
vira bolsa de madame.**

Pimenta nos olhos dos outros é refresco.

Coitado é filho de rato, que nasce pelado.

Eserto como ele só, o menino tratou
de guardar também cada um desses tesouros.



Só que nem todas as Verdades com que o menino topou valiam a pena.

Atrás de uma propaganda de circo, ele descobriu uma Verdade mais perigosa do que útil:

Quem nasceu para vintém nunca chegará a tostão.

Verdade Cheia de Enfeites e Truques... Só servia para tentar convencer os tolos de que não é possível melhorar de vida. Truque baixo! Mentira!

O menino não caiu nessa, não. Tirou do bolso uma outra Verdade Pura e Simples que tinha guardado para emergências e rebateu:

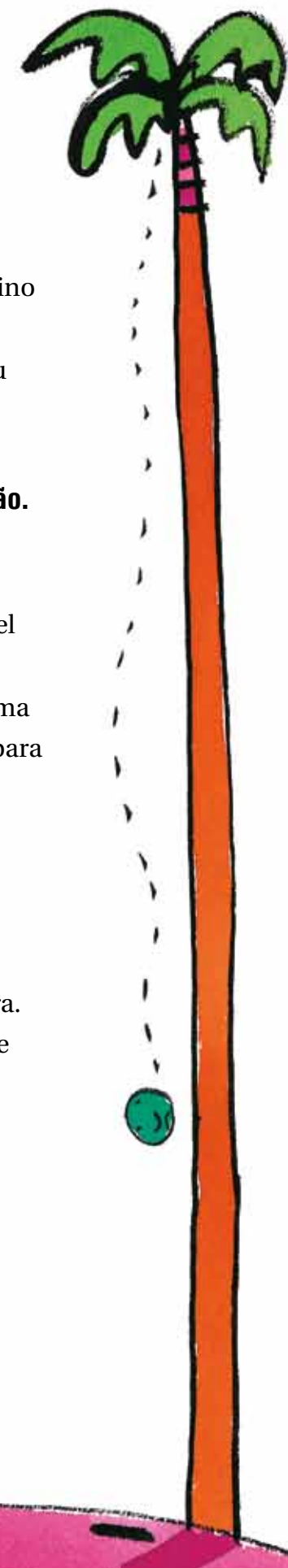
Mais alto o coqueiro, maior o tombo do coco!

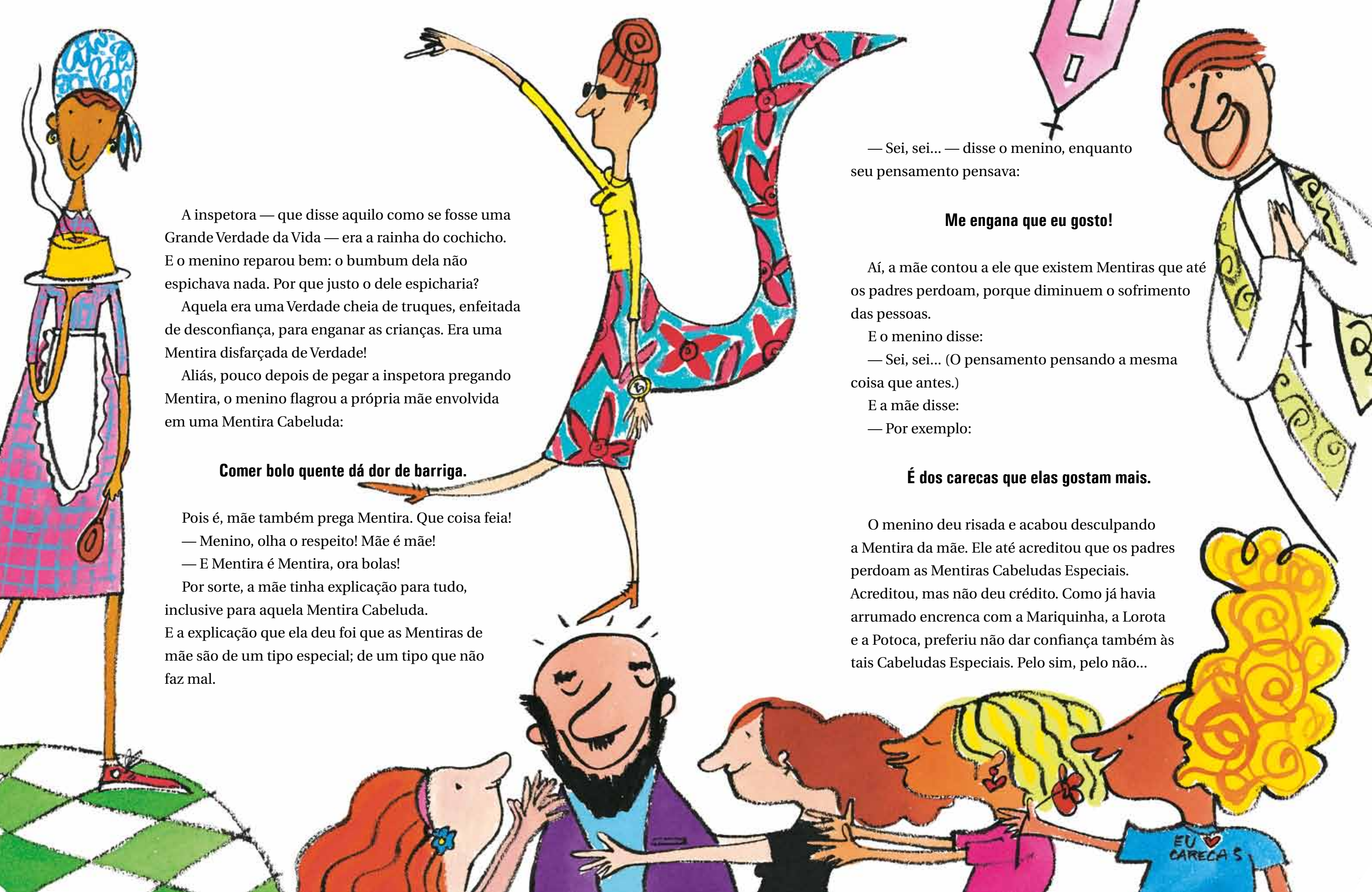
Pois é... De repente, o mundo se encheu de verdades. Era tropeçar em uma e deparar com outra.

No colégio, apareceu uma Verdade Enfeitada que quase, quase ia enganando o menino:

Quem cochicha o rabo espicha.

Quando a ouviu, ele ficou desconfiadíssimo.





A inspetora — que disse aquilo como se fosse uma Grande Verdade da Vida — era a rainha do cochicho. E o menino reparou bem: o bumbum dela não espichava nada. Por que justo o dele espicharia?

Aquela era uma Verdade cheia de truques, enfeitada de desconfiança, para enganar as crianças. Era uma Mentira disfarçada de Verdade!

Aliás, pouco depois de pegar a inspetora pregando Mentira, o menino flagrou a própria mãe envolvida em uma Mentira Cabeluda:

Comer bolo quente dá dor de barriga.

Pois é, mãe também prega Mentira. Que coisa feia!

— Menino, olha o respeito! Mãe é mãe!

— E Mentira é Mentira, ora bolas!

Por sorte, a mãe tinha explicação para tudo, inclusive para aquela Mentira Cabeluda.

E a explicação que ela deu foi que as Mentiras de mãe são de um tipo especial; de um tipo que não faz mal.

— Sei, sei... — disse o menino, enquanto seu pensamento pensava:

Me engana que eu gosto!

Aí, a mãe contou a ele que existem Mentiras que até os padres perdoam, porque diminuem o sofrimento das pessoas.

E o menino disse:

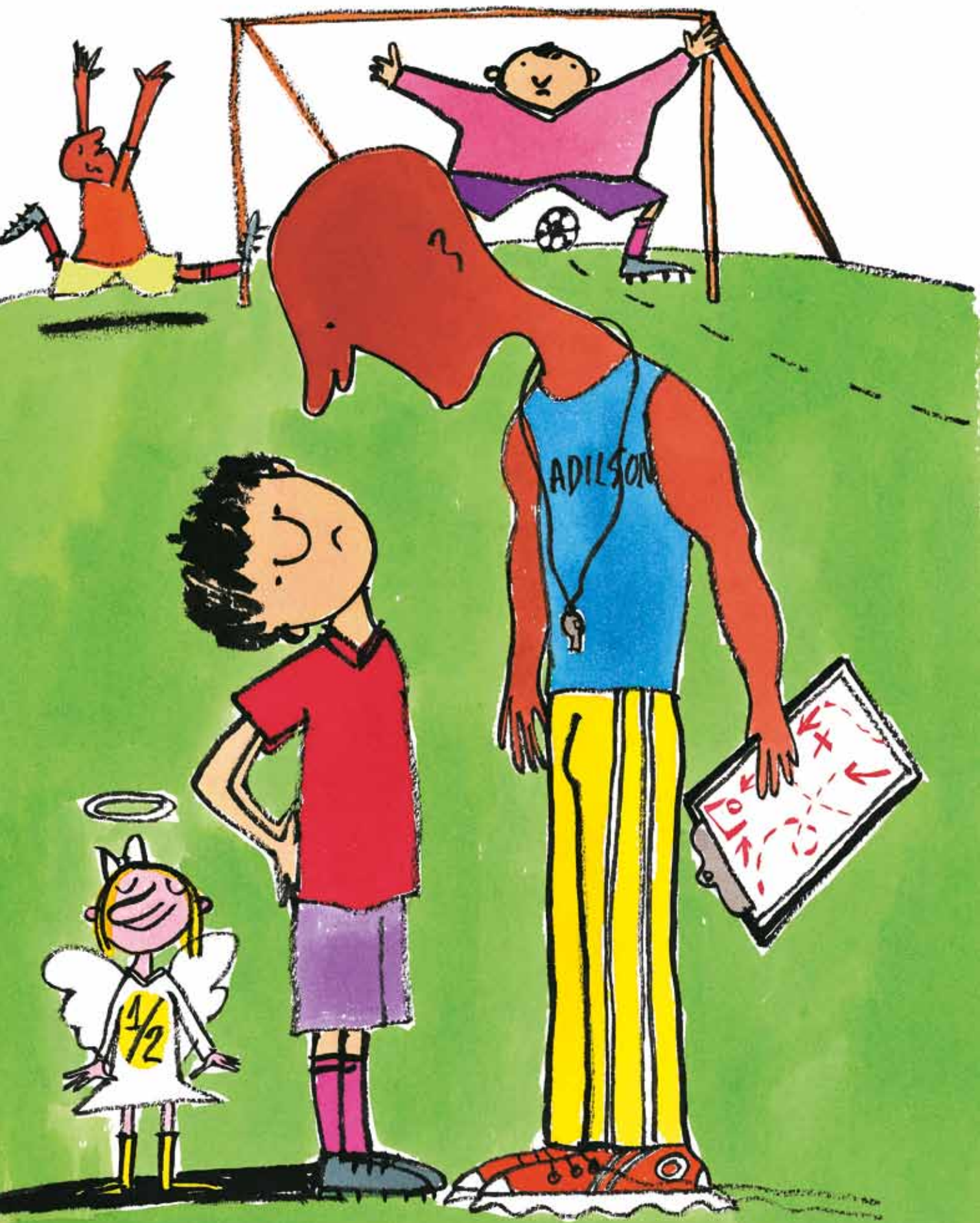
— Sei, sei... (O pensamento pensando a mesma coisa que antes.)

E a mãe disse:

— Por exemplo:

É dos carecas que elas gostam mais.

O menino deu risada e acabou desculpando a Mentira da mãe. Ele até acreditou que os padres perdoam as Mentiras Cabeludas Especiais. Acreditou, mas não deu crédito. Como já havia arrumado encrenca com a Mariquinha, a Lorota e a Potoca, preferiu não dar confiança também às tais Cabeludas Especiais. Pelo sim, pelo não...



Outras que também deram dores de cabeça ao menino foram as Meias Verdades.

A danação é que essas desgramadas são assim: de um lado, parecem Verdades; de outro, parecem Mentiras. Daí surge cada confusão...

Uma das Meias Verdades mais perigosas que o menino conheceu foi a seguinte:

**É melhor ser cabeça de sardinha
do que rabo de baleia.**

Quem disse essa pérola foi o professor de educação física, tentando convencer o menino de que valia mais a pena ser capitão do pior time de futebol da escola do que reserva do time campeão.

Será? O pessoal do timeco-sardinha jurava que era Verdade. A galera do timão-baleia garantia que era Mentira.

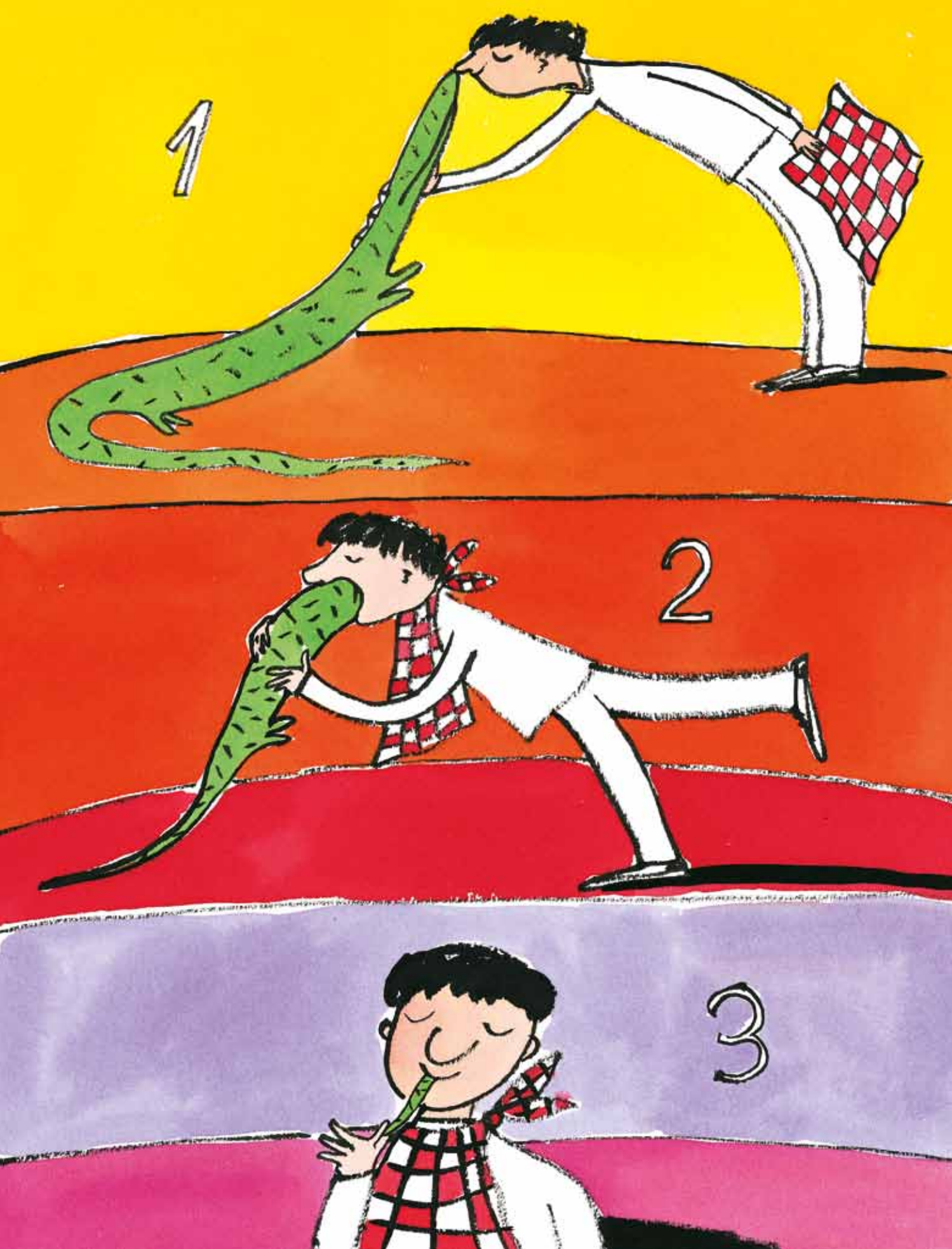
O menino — que tinha horror a brigas e tudo o que queria, desde o início, era agradar a todos — detestou a Meia Verdade. Foi desamor à primeira vista!

Por isso ele entrou para o time de vôlei e resolveu ficar esperto para se manter longe de encrencas.

Até que... Nem conto o que aconteceu!

Parece até Mentira.





Quando já era do tamanho dos garotos mais velhos da escola, de repente, não mais que de repente, o menino foi apresentado à Verdade Verdadeira.

Rapaz!!!

Sabe lá o que é isso?!

Sabe lá a emoção que ele sentiu dando de cara com a Verdade mais justa, mais certa, mais importante e mais verdadeira do Mundo?!

Se antes ele já era seu fã, quando a encontrou, virou fanático.

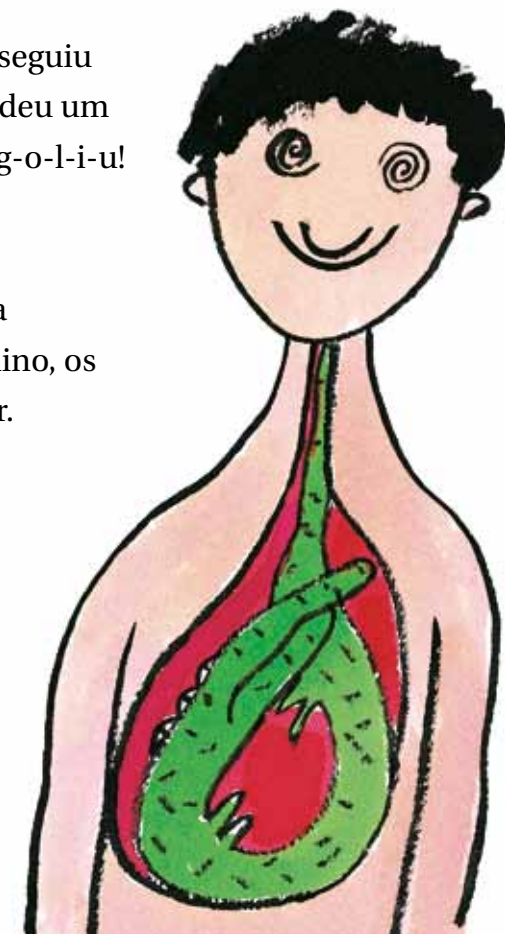
Só digo uma coisa: o menino ficou vidrado na Verdade Verdadeira.

Ficou tão encantado que ninguém conseguiu segurar. Rápido como um relâmpago, ele deu um bote e engoliu a Verdade Verdadeira. E-n-g-o-l-i-u!

Pode???

Pois foi o que aconteceu.

Enquanto a Verdade Verdadeira entrava pela boca, pela goela, pelas tripas do menino, os seus olhos davam voltas e voltas de prazer.





Tchã, tchã, tchã, tchããã...

Agora ele era, finalmente, o Dono da Verdade!

A desgraça é que não deu tempo de avisar ao menino que a Verdade Verdadeira não se prende a lugar algum. Toda vez que ele começava a falar, ou que ele suspirava ou dava um espirro, ela fugia.

Ah, mas o menino não era bobo, e estava adorando ser o Dono da Verdade. Não teve dúvida: já que não dava certo engolir, o jeito era pôr uma coleira na Verdade Verdadeira.

Fácil de imaginar, difícil de fazer. A dita-cuja era espertíssima. O menino começou a bolar um plano para capturar a Verdade Verdadeira.



A primeira providência foi arrumar uma coleira. A do Rex não servia, porque era de Mentirinha: um barbante quewo cachorro levava na boca quando estava de boa vontade.

Já que a situação era de emergência, o menino resolveu lançar mão de uma Verdade Pura e Simples:

Quem não tem cão caça com gato.

Só por isso ele roubou a coleira do gato da vizinha que estava de boeira no varal. Aliás, foi assim que o menino descobriu outra Verdade Nua e Crua:

A ocasião faz o ladrão.

Bem, a arma ele já tinha. Agora era esperar que a vítima se distraísse...

Não demorou, graças à vaidade da Verdade Verdadeira. Aquela Verdade era tão metida a sebo, tão preocupada com seu próprio umbigo, que conseguia hipnotizar até uma pedra quando começava a falar de si mesma.



Certa tarde — enquanto a V.V. (nome de guerra da Verdade Verdadeira) estava fazendo um discurso em praça pública sobre a sua beleza — o menino, rápido como um furacão, deu o bote e pôs a coleira na bruta.

Foi a glória! Depois que ele virou de novo o Dono da Verdade, tudo o que fazia era o certo, certíssimo, o justo, justíssimo, o belo, belíssimo!

O menino foi ficando inchado e com o nariz tão empinado que tornou-se quase irreconhecível.

Agora ele não era mais o menino.

Agora ele era o Rei da Cocada Preta!





E rei não anda sozinho, né?

De um dia para o outro, o menino passou a andar cercado por uma gente diferente. Gente fantasiada de última moda que só tinha uma coisa a dizer sobre o que ele fizesse ou dissesse:

— OH! BRAVO! LINDO! MAGNÍFICO!

Bajulação. E bem que o menino gostou. A cada dia crescia a corte ao Rei da Cocada Preta:

— OH! BRAVO! LINDO! MAGNÍFICO!

Mas, mesmo cercado de elogios, de vez em quando o menino ouvia uma Verdadezinha maldosa soprada no ar sem que ele soubesse de onde:

**Quem nunca comeu melado,
quando come, se lambuza.**

— Hein? Como? (O menino andava meio surdo para Verdades Nuas e Cruas.)

— Liga não, Majestade, ó:

Quem desdenha quer comprar.

Desde que o menino virou rei, o Bobo tornou-se seu melhor amigo. Para alegrar o rei, ele era capaz de fazer qualquer coisa, inclusive transformar Verdades em Mentiras com passes de mágica.





Tudo ia muito bem, estava tudo muito bom, até que, em certa manhã chatinha de chuva fininha, o menino recebeu um telegrama da tia e mandou que o Bobo lesse, alto e bom som, para toda a corte ouvir:

SEM TEMPO VISITA, MANDO COISINHA
ENCONTRADA BOLSO DE CALÇA
ESQUECIDA CASA.

Ué... Não havia embrulho algum junto com o telegrama.

Ah! O Bobo ainda não tinha acabado de ler o recado, estava tomando fôlego para o grito:

— Mais alto o coqueiro, maior o tombo do coco!

Todo mundo caiu na gargalhada.

Todo mundo, menos o menino. Aquela foi a primeira vez que a corte riu sozinha e com vontade.

Cocada preta é feita de coco. E rei vive é no topo!

O menino tinha se esquecido da Verdade Pura e Simples... Mas entendeu direitinho o recado. Aliás, Verdade Pura e Simples todo mundo entende.



— O último a sair apague a luz. — Isso foi o Bobo quem disse, com a coroa do menino já debaixo do braço.

E o Rei da Cocada Preta ficou sendo o Rei de Coisa Nenhuma.

Desesperado, o menino tentou usar uma Verdade Enfeitada para fingir que não estava ligando:

— O que vem de baixo não me atinge
— disse às paredes.

Mas em uma das paredes havia um espelho. E como espelho só fala Verdade Pura e Simples, ele mandou aquela resposta manjada:

— Ah, é? Senta em um formigueiro, depois me diz...

Foi diante do espelho que o menino descobriu que a Verdade pode doer. Doer pra cachorro!

E, para falar a Verdade Nua e Crua, aquela história de viver acorrentado à Verdade Verdadeira era uma chatice. Enquanto o menino desfilava com a V. V., se fazendo de bacana, lá no fundo, sem saber por quê, ele começou a sentir um medo danado de levar uma dentada daquela... daquela... daquela...



Afinal, quem ali era dono de quem?

A coisa estava ficando estranha para o lado do menino.

Por sorte, de uma hora para outra, aconteceu a coisa mais esquisita do mundo.

Certa noite, quando tinha saído para comer uma pizza com os amigos, o Dono da Verdade deu seu veredito sobre quais eram os favoritos do campeonato mundial de peteca. Acontece que um dos amigos do menino era jornalista e a V.V. — que tem atração fatal por revista, jornal, rádio e tevê — sentiu o cheiro da notícia e resolveu trocar de dono.

Pois é... Não deu para o menino segurar a peteca. Antes que ele percebesse, aquela tipinha fácil mudou de cara, afinou o pescoço, folgou a coleira e fugiu para as mãos do dono mais atraente. Assim, sem explicação, com a maior cara de pau.

Pode???

Pois foi o que aconteceu.

No dia seguinte, pelas páginas dos jornais, todo mundo ficou sabendo: o jornalista era o novo Dono da Verdade e o menino estava com a coleira vazia.

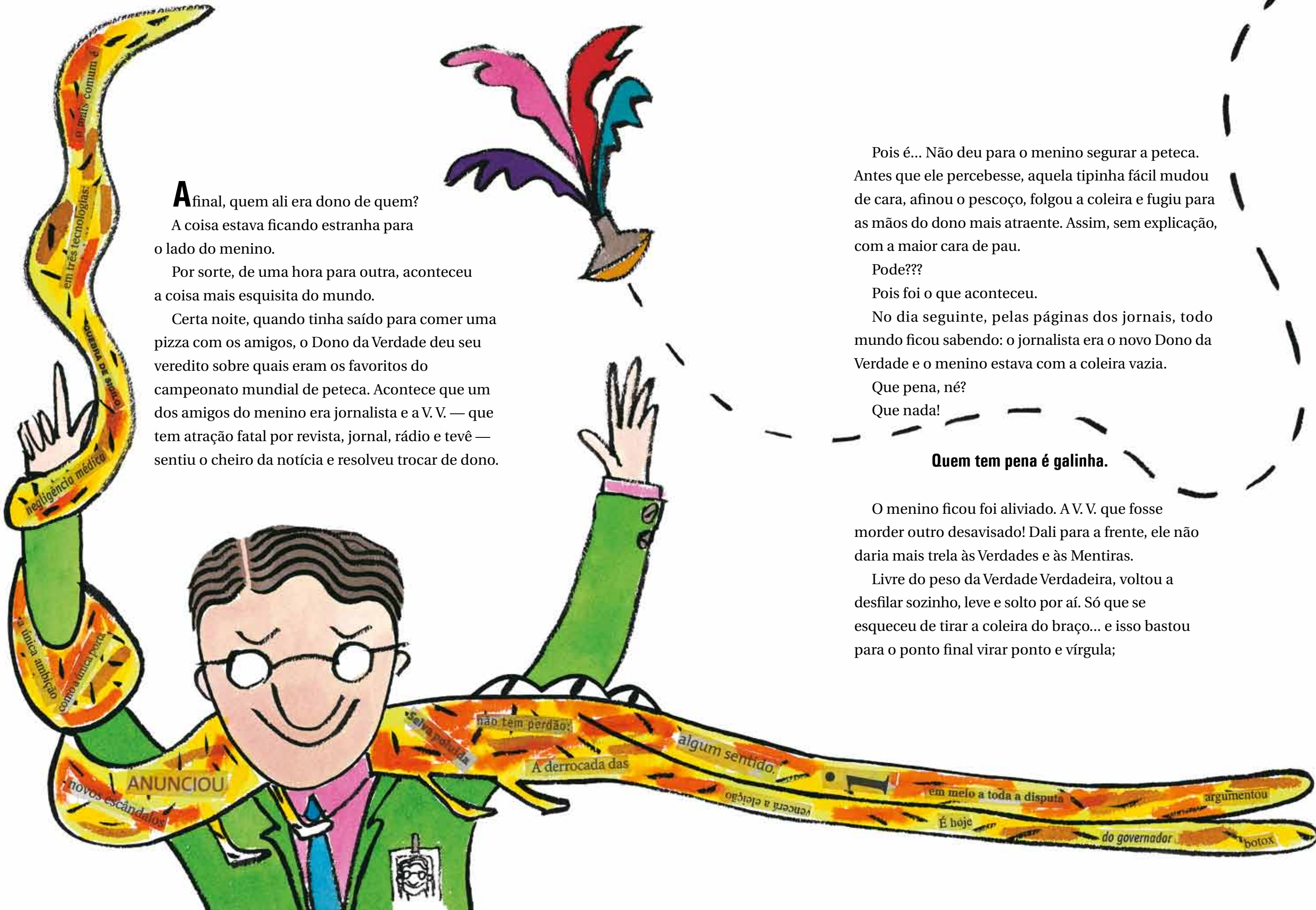
Que pena, né?

Que nada!

Quem tem pena é galinha.

O menino ficou foi aliviado. A V.V. que fosse morder outro desavisado! Dali para a frente, ele não daria mais trela às Verdades e às Mentiras.

Livre do peso da Verdade Verdadeira, voltou a desfilor sozinho, leve e solto por aí. Só que se esqueceu de tirar a coleira do braço... e isso bastou para o ponto final virar ponto e vírgula;





Em uma dessas noites de verão, o menino esqueceu a janela do quarto aberta e dormiu com a televisão ligada e o braço com a coleira pendurado para fora da cama.

Era muita isca para quem adora se infiltrar na vida alheia...

Sorrateira como uma serpente, a Dúvida escorregou para dentro do quarto, enfiou a cabeça na coleira e, quando o menino acordou, já era tarde demais. Estava de cabeça virada, acorrentado àquela criatura lânguida, misteriosa, às vezes até cruel:

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

— Essa é barbada! Foi o protozoário. Você não consegue fazer melhor?

Ih! Pra que provocar a fera?

De onde viemos, para onde vamos?

Foi um tiro certo no coração do nosso moço faceiro! O menino apaixonou-se perdidamente. E, dessa vez, com tudo a que a paixão dá direito: noites em claro, olheiras, falta de apetite, suspiros sem razão, desdém por tudo e por todos...





Nada ou ninguém lhe parecia mais lindo que a Dúvida. O menino ficou de quatro por ela. Ficou atirado a seus pés. E ali, naquela posição ridícula, teve de encarar uma Verdade Dolorosa:

Quem fica no chão é capacho.

E capacho nasceu para ser pisado. A amada, idolatrada, salve!, salve!, não só pisou nos sentimentos dele, como deu um show de sapateado sobre os seus sonhos e as suas esperanças.

— Serás o amor da minha vida? — perguntava o menino, aflito.

E a sádica da Dúvida só respondia:

Ser ou não ser, eis a questão!

Seria ele o mais lindo, o mais certo namorado para ela?

A Dúvida não sabia e tinha raiva de quem soubesse!

E o menino — coitado, cada vez mais apaixonado — sofreu, sofreu e emagreceu, emagreceu... Até que ficou tão fino que a coleira escapou-lhe do braço, livrando a Dúvida do laço.



Sem a coleira, o menino ainda tentou acorrentar a Dúvida de outros modos. Mas ela era muito escorregadia e ele, já fraco, não pôde lutar contra o apelo de tantas outras janelas abertas pelo mundo afora.

No fundo, ele sabia que o namoro não tinha futuro, mas não queria acreditar na Verdade Pura e Simples que insistia em pousar em seu coração:

Uma andorinha só não faz verão.

O namoro acabou, a andorinha foi fazer verão longe dali, mas o romance tornou-se eterno. Afinal:

A primeira paixão a gente nunca esquece.





As coisas pareciam andar calmas na vida do menino que, a essa altura, já era chamado de gente grande por muita gente. Até que, certa tarde, quando voltava de um encontro secreto com a Dúvida no cinema, sem quê nem para quê, ele percebeu uma sombra acompanhando os seus passos.

Eu, hein!

Bem, para falar a Verdade, de vez em quando, desde o começo desta história, o menino tinha a impressão de que uma sombra o seguia.

Quem seria?

Só havia um jeito de descobrir: ele se trancou em um quarto vazio e apontou uma lâmpada bem forte para si próprio, atento à sombra que se formou na parede.

— **V**ocê estava aí o tempo todo?

Silêncio.

— Ei, você estava aí o tempo todo?

Silêncio. Este era o nome da sombra.

O menino tirou uma Verdade Pura e Simples do bolso:

Quem cala consente.

— Enquanto eu arrumava encrencas com as Mentiras, as Verdades e a Dúvida, você só se divertia pelos cantos, né?



Quem cala consente?

O Silêncio era amigo da Dúvida. Aliás, melhor do que o Bobo, ele conseguia esconder e transformar a Verdade...

— Ei, será que algum dia vou ser admirado e amado por todos?

Quem cala não mente.

Interessantíssimo! O Silêncio também podia controlar a Mentira!

— Já que você é tão sabido, me diga: qual é o segredo para a gente ser querido?

Disse isso apontando a lâmpada para a sombra, atento ao que ela iria responder...

E o Silêncio sumiu à velocidade da luz.

O menino ficou pasmo de admiração e louco de vontade de encontrar a sombra mais uma vez! Começou a procurar em cada canto do quarto. Mas o que acabou encontrando foi uma Verdade Pura e Simples:

— **O segredo é o Silêncio** — sussurrou para si mesmo o menino.

Pimenta nos olhos dos
outros é refresco!

A OCASIÃO FAZ O LADRÃO.

QUEM FICA NO CHÃO É CAPACHO.

Ser ou não ser, eis a questão.
QUEM DES DENHA QUER COMPRAR.

ME ENGANA
QUE EU
GOSTO!

MAIS ALTO
O COQUEIRO,
MAIOR O
TOMBO DO
COCO!

ODIADO É FILHO DE
RATO QUE NASCE
PELADO.

É DOS CARECAS
QUE ELAS
GOSTAM
MAIS.

QUEM NÃO
TEM CÃO
CAÇA COM
GATO.

O QUE VEM
DE BAIXO
NÃO ME
ATINGE.

Quem nunca comeu melado,
quando come se lambuzo.
UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO.

QUEM NASCEU PARA
VINTÉM NUNCA
CHEGARÁ A TOSTÃO.

É MELHOR
SER CABEÇA
DE SARDINHA
DO QUE RABO
DE BALEIA.

O ÚLTIMO
A SAIR
APAGUE
A LUZ.

QUEM TEM PENA
É GALINHA.

JACARÉ QUE
NÃO SE VIRA
VIRA BOLSA
DE MADAME.

PARA MORRER,
BASTA ESTAR VIVO.

QUEM COLHICHA
O RABO ESPICHA

QUEM
CALA
CONSENTE.



Então, ele guardou aquela Verdade Preciosa no
bolso, apagou a lâmpada, destrancou a porta e saiu
do quarto vazio, cheio de si, de mãos dadas com o
Silêncio.

Colaboraram com sugestões, provérbios e expressões neste livro:

Hebe Coimbra, Roger Mello, Graziela Hetzel, Silvia Negreiros,

William Shakespeare, Gustavo Silveira, Mariana Massarani,

Erasmo Carlos, Liliane Lodi, Luiz Gonzaga, Andréia Resende

e gente anônima mas não menos importante.

A todos, a Bia agradece.

Da Bia para

ROGER MELLO,

dono da Sorte e da Preguiça dos Meninos do Mangue,

e para

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS,

que também é amante da Dúvida

e se pela de medo de encontrar a Verdade Verdadeira.



Da Mariana para

EDNA e GIULIO



1ª edição: 2002

2ª edição: 2008 / 11ª reimpressão: setembro de 2014

Impressão e acabamento: Gráfica Arvato Brasil, São Paulo, SP

Papel da capa: cartão 300g/m²

Papel do miolo: couché fosco 150g/m²